

...há tempo para parar...!

Um ano a caminhar com S.Paulo

Na próxima segunda-feira, 09 de Março, recomeçam os encontro sobre S.Paulo, na Igreja do Seminário das Missões, às 21 horas. Todos são convidados.

Festa da Palavra e Dia da Bíblia

Hoje, domingo, 8 de Março, as crianças do quarto ano celebram a Festa da Palavra, recebendo solenemente a Bíblia.

Encontro de Jovens

Aos sábados, os jovens são convidados a encontrar-se às 17 horas, no Seminário das Missões e no Salão Paroquial de S.Salvador. Vale a pena participar!

Catequistas do Viso

Os catequistas de N.Sra do Viso reúnem-se na próxima sexta, 13, no Seminário das Missões.

Jubileus das Irmandades

Depois do Jubileu da Irmandade de N.Sra das Neves de S.Salvador, no dia 7 de Março, vai realizar-se às 15h, do dia 14, sábado, o Jubileu da Irmandade de S.João Baptista em Vildemoinhos. No dia 15, domingo, às 15 horas, será o Jubileu da Irmandade de Nossa Senhora da Saúde, em Paradinha. Começam com o Sacramento da Reconciliação, seguindo-se a Eucaristia e romagem ao cemitério. Espera-se que todos os irmãos participem nos três momentos do Jubileu, bem como todas as pessoas que o desejarem.

Jornadas Teológicas no Seminário Maior

O Instituto Superior de Teologia realiza nos dias 09 e 10, no Auditório do Seminário Maior de Viseu, as Jornadas Teológicas com o tema: *Paulo, o Místico e o Apóstolo*. Pode participar quem desejar.

Exposição “São Paulo ... as formas da Fé”

Está patente até 06 de Junho, no Seminário Maior uma excelente exposição, da responsabilidade do Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Viseu. Pode ser visitada de segunda a sexta, das 10.00h-12.30h e das 14.30-17.30. Aos sábados por marcação.

Ao Domingo...

II Domingo Quaresma B n. 63 08.03.09 Email: folhaaodomingo@gmail.com

Folha Dominical do Vicariato de Nossa Senhora do Viso, Convento de Santa Beatriz,
Seminário das Missões e Paróquia de São Salvador.
www.senhoradoviso.net

Há quanto tempo não se confessa?

É a segunda vez que me encontro com este monge beneditino de Munsterschwarzach, chamado Anselm Grun. A primeira foi num desconcertante livro sobre Deus e o sofrimento, com uma luta leal entre os dramas humanos e a sábia providência de Deus. Desta vez, na livraria, olhei primeiro o título, e quase no fim da introdução voltei à capa e reparei que o autor não me era estranho. Tem a ver com o sacramento da penitência e com todas as lutas que travamos connosco próprios para a nossa reconciliação interior, o diálogo sobre a nossa condição de pecadores, a Igreja como lugar de reflexo do nosso arrependimento e do reconfortante perdão de Deus. Sabendo nós que podemos voltar a pecar e que mesmo assim não estamos abandonados nem por um momento à nossa solidão ou desesperança.

Faz-nos bem recordar que o sacramento do perdão nem sempre teve as mesmas formulações ao longo da história da Igreja. Mas sempre se revestiu duma desconcertante exposição da misericórdia de Deus. Intrometeram-se culpabilidades doentias e humilhantes quase deixando, ao contrário do que fez Jesus, o pecador amaldiçoado por si mesmo em angustiado desprezo e repugnância. O Sacramento da Penitência entendido e vivido na sua profundidade é um momento privilegiado de reconciliação libertadora dos próprios medos. Nesse sentido o diálogo sobre nós mesmos em plena celebração é simples, transparente e revitalizador. Divino e humano, esse abraço relança-nos num caminho pacificado que não apaga a nossa história de pecadores mas não se detém nela. É, pelo contrário, um contínuo relançamento do nosso futuro sob o olhar benigno e paternal de Deus. Bem diferente do pesadelo que o dizer-se pecador representou e ainda pode representar para alguns. Nem medo, nem angústia, nem complexo. Apenas como o filho pródigo que na estrada de regresso só imagina o abraço paterno que afinal aconteceu. Na verdade o pai nem o deixou acabar a confissão. E acontecerá muito mais vezes porque a nossa vida nunca é uma vez única de partir e regressar. É a viagem constante da nossa limitação e da experiência secreta do grande abraço que Deus nos dá a cada hora que regressamos. Custa até crer que este sacramento esteja, como se diz, em crise. É um bálsamo gratuito de Deus que nos liberta das nossas auto-flagelações. Complicado é cada um estar abandonado a si próprio, enrolado no seu eu, sem referência, nem partilha, nem comunidade. Esta Penitência de Anselm Grun é mais um opúsculo que um livro. Com a experiência do autor como penitente e confessor. Para mais, ilustra-se com levíssimos desenhos que parecem os nossos passos de crianças felizes no regresso a casa. Não é redundante a pergunta: há quanto tempo não se confessa? (*António Rego*)

II Domingo Quaresma B

Gn22,1-2.9a-10-13.15-18 / Rm 8,31b-34 / Mc 9,2-10

Deus entregou o seu Filho por todos nós (Rm 8, 32)

Abraão é um campeão da fé na história sagrada do Povo Eleito. Por amor ao Deus único, imenso como os céus estrelados e profundo como os oceanos, deixou tudo. Deus recompensou-o com um filho. Por amor ao próprio Deus que o põe à prova, está pronto a sacrificá-lo, como se fosse um cordeiro no altar das ofertas, a destruir o fruto do seu sangue. Recebe uma promessa inebriante: serás **pai de todos os povos!**

Aquilo que Deus não permitiu a Abraão, Ele mesmo o faz: sacrifica o seu Filho para que o amor de Jesus, infinito como do Pai, regenere cada um de nós como filho predilecto.

É um mistério que nos atordoia, como o da **Transfiguração** diante dos três apóstolos: Pedro, Tiago e João. É luz plena, certeza, prazer indizível, inexplicável quando voltamos a caminhar sobre as vias dolorosas do nosso mundo. É preciso que o filho do homem sofra muito, morra... Sem a crucifixão, não há transfiguração. Só se **morremos com Ele** conseguiremos compreender a Páscoa e proclamá-la como jogo de morte e de vida, de luz que vence as trevas. Lancemo-nos a viver a paixão de Cristo com a tenacidade do seu amor, para se tornar em **anúncio de novidade** que conquista.

Com(o) S.Paulo em caminho ao encontro de Cristo

Escutar

“Este é o Meu Filho muito amado, escutai-O” (Mc 9, 2-10).

“Se Deus está por nós, quem estará contra nós?” (Rom 8, 31b-34).

S. Paulo, na sua primeira viagem missionária (Act 13-14), anuncia o Evangelho aos pagãos que o escutam e se convertem porque acreditaram no Evangelho. Para ser cristão, basta viver com Cristo e segundo as suas palavras. Quantas vezes escutámos Jesus no nosso coração e seguimos o Seu conselho?

Espada: Palavra penetrante.

Enviar, pelo menos a uma pessoa, um SMS ou mail com uma frase da carta de S. Paulo aos Romanos.

Escola Bíblica Familiar (EBF)



Deuteronómio (Dt) – Projecto de uma nova sociedade?

O último livro do Pentateuco recebeu este nome que significa exactamente segunda (deuteros) lei (nomos). Na realidade, não se trata de uma segunda Lei, mas de uma segunda cópia da Lei. A maior parte do livro é formada por leis que repetem muitas vezes as apresentadas em Êxodo e Levítico.

Pode situar-se, geograficamente, na região de Moab, no último ano da peregrinação pelo deserto, pouco antes da entrada na terra prometida.

Embora os discursos do Deuteronómio sejam atribuídos a Moisés, os seus verdadeiros autores e destinatários não viveram no século XIII a C., mas provavelmente no século VIII. Provavelmente o núcleo central do livro (4, 1-28; 5, 1-9, 10; 12, 1-28, 46; 30, 11-20; 31, 9-13) foi redigido por um levita no reino de Israel em meados do século VIII a C. Parece reunir a pregação de levitas itinerantes que percorriam o País, ensinando a Lei e lembrando a aliança do Sinai.

Por ocasião da destruição do reino de Israel, em 722 a C, o texto original do Deuteronómio foi trazido para o reino de Judá. Provavelmente o rei Ezequias (715-687 a C) serviu-se deste documento para a sua reforma religiosa.

Os dois grandes protagonistas do Livro são Deus e Israel. O Deus de Abraão, Isaac e Jacob que se revelou a Moisés no Monte Sinai, escolhendo para si um povo dentre todos os povos da terra. **Esta escolha amorosa exige de Israel uma resposta amorosa.**

Os homens unem-se por meio de pactos e alianças. Deus aceitou este modo dos homens se relacionarem e uniu-se a eles através da aliança. Este importante tema perpassa todo o Pentateuco. A primeira aliança é descrita em Gn 9,1-17, o arco-íris no céu é o seu sinal.

A aliança com Abraão foi depois renovada com Isaac e Jacob.

A aliança do Sinai é a mais importante de todas. Ela determina o nascimento do Povo de Deus. Enquanto as alianças com Noé e Abraão eram muito mais uma promessa gratuita de Deus, a do Sinai requer maior participação humana.

A aliança de Siquém marca o quarto período. Josué propõe ao povo servir ou Javé ou a outros deuses e o povo compromete-se a servir exclusivamente a *Javé*.